

# LOBOS, INOCÊNCIA E ANTICIVILIZAÇÃO

**Roberto D'arte**

**Professor de Filosofia da FDV e da ESEDAT**

E-mail: robertodarte@yahoo.com.br

Na visão do filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), o ser humano não nasce com o instinto de sociabilidade. Por isso, sem a existência de uma sociedade política organizada, sua tendência é lutar pela própria sobrevivência com todas as armas. Por este prisma, o outro é sempre um obstáculo aos interesses individuais e a discórdia, uma forma de resolver os impasses.

7

Esse pensador empirista do século 16 conseguiu influenciar governos e Constituições exatamente por defender o Estado como o único meio de socializar os instintos primitivos da humanidade. Sua frase célebre – “o homem é o lobo do homem” – é até hoje debatida com grande atualidade, principalmente porque ninguém ainda conseguiu refutá-la, por mais que haja bons exemplos contrários.

Revido recentemente o ótimo filme “A Vila”, do diretor indiano M. Night Shyamalan (o mesmo diretor de “O Sexto Sentido”, “Corpo Fechado” e “Sinais”), é possível entender os motivos que levaram os fundadores do vilarejo fictício a criar um mundo à parte para as

futuras gerações. O filme, de 2004, é inserido no gênero “suspense” por conta de sua história central em torno de uma lenda sobre criaturas aterradoras que vivem na floresta. Estas são o empecilho para que os moradores cultivem o desejo de deixar o único lugar que conhecem.

Longe de quaisquer tecnologias do mundo exterior, as pessoas da vila vivem em regime comunitário, numa agricultura de subsistência e sem o dinheiro como referência. Uma tentativa de fuga da fatídica constatação de Hobbes a partir de uma organização social teoricamente sob controle (no caso do filme, pelo Conselho de Ansiãos). A condição aí para não ser o lobo do outro é manter a comunidade num certo espírito de inocência e com medo do que ela supõe ser mais forte (as criaturas da floresta).

Vale dizer que, na perspectiva da Vila concebida por Shyamalan, a inocência coletiva é o oposto da inocência da criança capaz de levar o espírito rumo à liberdade, segundo a visão de Friedrich Nietzsche (1844-1900) no seu livro “Assim falou Zaratustra”. Nesta obra, o filósofo alemão ressalta metaforicamente as três etapas da evolução do espírito humano: na primeira ele é um camelo (submisso, servil e orgulhoso do próprio sacrifício de carregar todo peso que colocam em suas costas); na segunda é um leão que, na condição de um guerreiro, desperta em si a vontade de liberdade e a revolta contra tudo e todos que o limitam; e na terceira, uma criança (aquela que, depois de experimentar a força do leão e a sua capacidade de dizer não ao que o limita, consegue dizer sim à vida com a pureza de quem não quer carregar valores impostos pelos outros).

Difícil é imaginar esse espírito inocente e autônomo proposto por Nietzsche neste início da terceira dé-

cada do século 21. Mesmo os vilarejos recônditos e sem qualquer tecnologia ainda existentes em algumas partes do planeta não conseguem fugir, por exemplo, da intrusão dos satélites das nações desenvolvidas. Também já ficou para trás a época em que morar na zona rural era sinônimo de tranquilidade. Além dos bandidos que invadem sítios e fazendas para roubar, em muitos deles o cotidiano de misérias e tragédias bate à porteira através da TV e da internet.

Trilhamos um caminho sem volta no que diz respeito ao megacontato entre as pessoas. Ainda que de forma virtual e à distância, nunca foi tão fácil para o homem ser o lobo do homem. Quanto ao Estado, que Hobbes via como o único capaz de controlar a barbárie, há muito se comporta como um lobo contratado pelas elites econômicas e políticas para tomar conta do galinheiro. Nesta metáfora popular cabem perfeitamente os políticos autoritários e corruptos, os administradores desonestos e burocratas e os carreiristas sedentos por riqueza e poder.

9

Por mais otimista que alguém seja, torna-se cada vez mais difícil negar a afirmação feita pelo filósofo inglês há mais de três séculos. O mesmo vale para quem tenta encontrar as possíveis veredas que ainda possam levar à utopia da anticivilização. Para não ser tão fatalista, deixo para um conterrâneo baiano – o saudoso cantor e compositor Moraes Moreira – a árdua tarefa de apontar alguma luz no fim do túnel. No refrão da música “Pão e Poesia” ele ensina: “felicidade é uma cidade pequenina, é uma casinha é uma colina, qualquer lugar que se ilumina quando a gente quer amar”.

## Cena do filme “A Vila”

